

Em seu artigo ‘Queer Diasporas’ na obra *Handbook of Lesbian and Gay Studies* (2002), Anne Marie Fortier propõe o conceito de diáspora Queer como “a condição de exílio e estranhamento vivenciada pelos sujeitos Queer, que os situa fora dos limites do 'lar': a família heterossexual, a nação, a pátria²” (FORTIER, 2002, 8). Essa definição sugere que sujeitos que se autoidentificam como Queer são colocados de forma inerente em uma experiência similar à diáspora cultural experimentada por imigrantes de países vitimizados pela experiência colonial ao se situarem em espaços de dominação metropolitana, pois é estrutural a rejeição que sofrem pelas comunidades que deveriam ser representativas do lar, devido à sua identidade. Mesmo que suas famílias, amigos e comunidade aceitem sua sexualidade e identidade de gênero, o conjunto estrutural e institucional da sociedade se constrói em torno da utopia cis-heterossexual, que automaticamente exila a existência Queer como uma experiência excepcional e imprescrita. Como consequência disso, ao lidar com outras pessoas fora de seu círculo íntimo, pessoas Queer passam o resto de suas vidas nessa constante experiência ‘entre espaços’, mais comumente conhecida como 'sair do armário', tendo que julgar quando é seguro, ou mesmo necessário, fazê-lo. Para ser Queer e sobreviver, na sociedade atual, é necessário dominar a arte de viver em espaços intermediários, sempre em parte escondendo uma parte da própria identidade. Como proposto por Mimi Marinucci, “Queer é viver de maneiras que desafiam profundamente as conjecturas assumidas sobre gênero, sexo e sexualidade (...) envolvendo aqueles que são incapazes de ocupar os espaços compactos das prescrições culturais que nos são atribuídas” (MARINUCCI, 2010, 15).

Além disso, os sujeitos Queer inseridos no contexto de diáspora cultural são duplamente colocados nesse limiar de nunca pertencer totalmente a um ou outro espaço, podendo ser ostracizados tanto por sua cultura de origem quanto pela cultura de sua comunidade recém-descoberta, devido à sua sexualidade e à sua condição de migrantes. Apesar do rápido crescimento e evolução da globalização, que não só expõe e populariza diferentes culturas, mas também gera uma conscientização para as dificuldades enfrentadas

¹ Esther Gazzola Borges é doutoranda pela Área de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo (USP). Sua pesquisa (financiada pela FAPESP, bolsa 2022/04123-9) tem como foco o conceito da Diáspora Queer na literatura contemporânea, mais especificamente na Literatura Irlandesa.

² Tradução minha

por pessoas classificadas como o Outro, em geral, a rejeição daqueles que não se enquadram na cultura local ainda é agressivamente alta. Especialmente tendo em mente o fato de que a globalização nunca é um processo neutro, considerando que a perspectiva da qual parte o esforço globalista está sujeita às questões e valores da cultura que a promove. Devido a estes fatores, apesar dos avanços sociais, sujeitos Queer que são colocados em contexto de diáspora são então encontrados no centro dessa questão, suas identidades duplamente marginalizadas tornando-os desconectados de todos os aspectos da sociedade.

Em termos de literatura contemporânea, as primeiras obras de Adiba Jaigirdar podem ser notadas como ótimos objetos de estudo. Jaigirdar é uma autora Queer, muçulmana, bengali-irlandês, que emigrou para Dublin, Irlanda, durante a infância e vive lá desde então. Ambos de seus romances atualmente publicados, *Hani and Ishu's guide to fake dating* (2021) e *The Henna Wars* (2020), refletem todas as diferentes origens socioculturais que moldaram sua vida e visão de mundo. Embora sob ângulos diferentes, os dois romances exploram a experiência de diáspora de personagens sáficas em contextos irlandeses e a sensação de viver entre duas culturas.³

Em *Hani and Ishu's guide to fake dating*, enquanto às duas personagens lidam com racismo e Queerfobia, cada uma delas lida com aspectos específicos desses preconceitos em suas vidas pessoais. Humaira 'Hani' Khan enfrenta tanto a bifobia quanto a islamofobia de seus amigos irlandeses, e luta constantemente para tentar se ajustar e se encaixar com eles, sem querer abandonar sua religião e raízes culturais. Por outro lado, Ishita 'Ishu' Dey lida com a pressão de deixar seus pais, que migraram para a Irlanda para garantir a ela uma vida melhor e chance de sucesso financeiro e acadêmico, orgulhosos e felizes. Enquanto Hani já está fora do armário para seus pais, e foi carinhosamente aceita, Ishu começa e termina o romance completamente dentro do armário e sem intenções de sair. O vínculo e o desenvolvimento do relacionamento das personagens cresce no conforto e apoio que encontram uma na outra, quando se veem incapazes de se sentir como se pertencessem a qualquer uma das culturas em que são colocados - tanto irlandesa quanto bengali.

Em *The Henna Wars*, a personagem principal lida com conflitos semelhantes, embora agravados. Nishat Ahsan se assume lésbica para seus pais no início do romance e, embora ainda tenha o apoio infinito de sua irmã mais nova Priti, ela é fortemente rejeitada e

³ Todas as personagens dos romances se identificam como mulheres lésbicas ou mulheres bissexuais. Devido a isso, este artigo utiliza termos como 'Queer' e 'Sáficas' para se referir a elas como um todo, independentemente do seu posicionamento no espectro de homossexualidade feminina.

silenciada por seus pais. A personagem é forçada a lidar com a exclusão em casa, enquanto enfrenta ataques de racismo, xenofobia e lesbofobia, sendo exposta a toda a sua escola contra sua vontade e tendo seus objetos pessoais sendo destruídos. Nishat também tem que lidar com sua amiga branca constantemente isentando seus agressores, e afirmando que as suas ações não estão relacionadas à etnia e cultura de origem de Nishat, mas simplesmente a quem ela é como pessoa, moralizando a violência sofrida pela personagem. Além de tudo, a trama principal da novela gira em torno de uma competição para sua aula de economia, em que Nishat abre um negócio de Henna e acaba por encontrar concorrência em sua ex-amiga racista, Chyna, e sua prima, Flávia. Nishat acaba desenvolvendo sentimentos por Flávia, já que ambas se uniram por serem imigrantes e tentarem equilibrar duas culturas diferentes ao mesmo tempo em que lutavam para se encaixar em ambas. Porém, o relacionamento rapidamente fracassa antes mesmo de começar, depois que Nishat confronta Flávia sobre a apropriação cultural de Henna como algo 'estético', e é fortemente rejeitado pela garota.

Embora as personagens principais dos romances Jaigirdar não se afastem de suas casas atuais, elas já estão localizadas na diáspora por serem imigrantes. Todas as personagens enfrentam múltiplas camadas de preconceito e exclusão, decorrentes da parte de suas identidades mais sujeitas ao julgamento e escrutínio, como sua sexualidade, sua etnia e seus aspectos culturais, sua alimentação e religião. O deslocamento se dá em níveis e espaços diferentes, onde o indivíduo carece de referências e situações que ofereçam algum semblante de segurança e consistência. Em seu capítulo “*Global desires, postcolonial critique: Queer women in Nation, Migration, and Diaspora*” publicado no *Cambridge Compound of Lesbian Literature* (2015), Shamira Meghani afirma que migração requer navegar um novo contexto material e cultural, posicionando a cultura original de casa em novas relações de proximidade. Há expectativas, e particularmente aquelas relacionadas à sexualidade, que no contexto de migração trazem um sentimento ainda maior de isolamento e constantes (re)negociações com o conceito de identidade. 2015, 68-69)

Por meio da análise dos romances, é possível ter uma compreensão maior de como os personagens se situam tanto na cultura de origem quanto na cultura em que vivem atualmente, como enfrentam as lutas propostas por viver nesse entremeio, e como essas lutas são criadas por suas identidades Queer e diaspóricas. Além disso, seria possível estudar como sua diferença é usada para colocá-las como o Outro, e como as personagens navegam por esse lugar do Outro dentro de suas próprias comunidades.

No romance de Hani e Ishu, a dupla marginalização sofrida pelas personagens fica aparente ao analisarmos as reações ao relacionamento das duas. É possível dividir a marginalização e violência que as personagens sofrem em momentos grandes (no sentido de serem mais explícitos e agressivos na narrativa), experienciados por Hani ao interagir com suas amigas Irlandesas, e momentos pequenos, experienciados por Ishu ao lidar com sua família - em especial seus pais.

Enquanto Hani tem sua sexualidade aceita completamente pelos seus pais e assume (embora erroneamente) que suas amigas também lhe aceitaram como bissexual, Ishu passa por um caminho diferente. Ela não possui amigas, pois evita socializar, priorizando os estudos. Sua motivação é totalmente focada em agradar os pais e os deixar orgulhosos. Os mesmos pais que ela afirma, repetidamente ao longo do livro, quais jamais saberão sobre sua sexualidade. Ishu, em oposição a Hani, tem a total noção de que seus pais jamais apoiariam uma filha fora dos padrões sexualmente exigidos pela sua cultura.

“Olha, eu sinto muito que seus amigos são babacas, mas... Eu não posso te ajudar. Eu não sai do armário para os meus pais ainda.”

“Eu não sabia que você era...”

“É. Por que você não pensou em mim, ou como fingir que eu estou em um relacionamento Queer me afetaria, certo?” Humaira pelo menos tem a decência de parecer envergonhada. ⁴ (Jaigirdar, 2021, 44)

Apesar da resistência inicial, Ishu eventualmente aceita fingir ser namorada de Hani. Mais tarde, quando as personagens se aproximam, ela confessa que a sua principal motivação é orgulhar seus pais e fazer o seu sacrifício valer a pena. Devido a isso, Ishu mantém seu posicionamento inicial sobre sair do armário, e ao final do livro os pais da personagem permanecem sem saber sobre sua sexualidade, como Hani afirma mais tarde: “Todos na escola pensam que nós estamos juntas desde que começamos a fingir o relacionamento, Abba e Amma finalmente sabem a verdade agora, e os pais de Ishu ainda pensam que somos apenas amigas” (Jaigirdar, 269, 2021)

Quando se trata de Hani, a questão é mais complicada. Apesar de ser aceita pelos pais, a rejeição que a personagem sofre pelo seu círculo social é muito mais agressiva. A

⁴ É importante notar que, até o momento em que este artigo foi escrito, os trabalhos de Jagirdar não possuem tradução oficial para o português e, portanto, todas as traduções neste artigo são próprias.

personagem tem suas identidades - sexual, cultural e religiosa - constantemente diminuídas e apagadas de diversas maneiras.

Todas as coisas Bengali eram tão diferentes de qualquer coisa que meus amigos brancos irlandeses já viram - Não tinha como explicar sem entrar nos mínimos detalhes. E mesmo assim, eles não entenderiam. Ou não queriam entender, eu acho. (Jaigirdar, 107, 2021)

A personagem estabelece desde o começo o quão difícil é tentar incluir ou misturar suas culturas com suas amigas Irlandesas. A rejeição vem em camadas - a negação de sua sexualidade, a falta de respeito com a sua religião e cultura, a própria ignorância em relação ao seu nome e pronúncia.

“Você está bem, Hani?” Chegar em casa e ouvir a voz da minha mãe falando Hani depois de um dia inteiro sendo chamada de Maira sempre faz com que eu me sinta estranha. Como tirar uma pele que pertence a mim mas não cabe direito. Hani é o nome que Amma e Abba me chamam desde que eu me lembro. É o nome que mais parece comigo. Humaira é apenas o nome no meu passaporte, minha certidão de nascimento. O nome dado às pessoas que não são família, não são Bengali. E Maira...Isso é apenas o que Aisling decidiu me chamar no primeiro dia que nos conhecemos no jardim de infância. E pegou. (Jaigirdar, 38,2021)

O mesmo sentimento pode ser visto em outra passagem mais tarde, quando Ishu se recusa a chamar Hani de Maira.

“Okay...Então...Você provavelmente deveria me chamar de Maira a partir de agora. É o que meus amigos me chamam. Ninguém me chama de Humaira.”

“Eu não vou te chamar disso.” Ishita diz com escárnio. “É uma bastardização do seu nome. Por que você deixa elas te chamarem assim?”

“É difícil pronunciar Humaira.”

“É literalmente uma sílaba a mais. Além do mais, elas pronunciam Maira errado. Elas falam como se fosse Máire, o que é um nome completamente diferente!”

Eu não consigo segurar o sorriso que borbulha dentro de mim. Eu não acho que nunca vi alguém ficar tão revoltado por causa de um nome antes. (Jaigirdar, 107, 2021)

Enquanto Hani repetidamente abre concessões e desculpas para suas amigas, Ishu se recusa a seguir seu exemplo e deixar que sua identidade cultural seja apagada para agradar uma cultura irlandesa que se recusa a aceitar o diferente sem tentar assimilá-lo. As diferenças

de Hani que a marginalizam da sociedade são justamente os pontos que fazem ela ser quem é, e são os pontos que a conectam a Ishu. São essenciais mas divergentes de estereótipos ou previsíveis, e por isso há uma tentativa constante de serem apagados.

O estopim do conflito da narrativa de Hani se dá quando Hani e Ishu vão a uma festa juntas pela primeira vez, e as amigas de Hani tentam lhe pressionar a jogar um jogo de bebida.

“Eu sou muçulmana...Eu não bebo”

“È, mas você não é aquele tipo de muçulmana (...) Você nem usa o...” Ela faz um gesto circular ao redor de sua cabeça. Para indicar um hijab, eu assumo. (...) Todo mundo sabe que você vai ficar com um cara no final do dia, e todo esse negócio de bissexualidade é a sua maneira de parecer interessante ou algo assim. Tipo, você é tão muçulmana que você não vai nem beber uma gota de álcool e você quer que nós acreditemos que você é gay de verdade?” (Jaigirdar, 211, 2021)

A negação de Hani irrita as colegas, uma vez que ela “falha” o teste social de se provar como uma menina “normal” e realizar a mesma atividade que as outras. Hani posiciona sua religião acima de ser aceita socialmente, esbarrando em barreiras invisíveis e deixando claro suas prioridades, suas diferenças. A rejeição é direta e agressiva - se ela faz questão de não se encaixar ou apagar a parte de sua identidade que deixa suas amigas desconfortáveis, então ela merece a humilhação pública de ter sua sexualidade questionada e ridicularizada na frente de todos. Hani não se defende, apenas deixa que Ishu a arraste para fora da festa para que possam ir embora.

Como visto previamente, Ishu é muito mais assertiva em relação a identidade de Hani do que a própria Hani. Ela insiste em defender a outra garota e fazer acomodações para ela, mesmo antes do relacionamento das duas se tornar algo positivo. Apesar de não serem amigas, e na verdade não gostarem muito uma da outra no início de enredo, Ishu é a primeira personagem a mostrar empatia e compreensão em relação a Hani, é a primeira pessoa de sua família a aceitar todas as suas identidades sem questioná-las ou tentar testá-las. Da mesma forma, Hani também aceita Ishu e se preocupa com ela, porém aceita os limites pessoais impostos pela personagem e apoia seus objetivos - Não por que os entende diretamente, mas entende o suficiente sobre o contexto cultural na qual Ishu está localizada para ver de onde suas determinações e escolhas sociais vem. Esta troca permite com que as personagens se sintam vistas pela primeira vez.

Eu consigo ouvir as pessoas sussurrando enquanto eu entro na escola, e elas me observam enquanto eu vou para o meu armário. Eu me pergunto se o nosso plano está fadado a falhar pelo fato de que nós estamos em um relacionamento queer. Nós estamos, afinal, em uma escola católica para garotas. Apesar do fato de que nós conquistamos casamento igualitário a uns anos atrás, tem algo desconfortável sobre ser queer aqui. Da mesma maneira que há algo desconfortável sobre ser muçulmana aqui. (Jaigirdar, 89, 2021)

Apesar da Irlanda ser um país progressista e mais avançado que a maioria quando se trata tanto de questões Queer quanto a questões relacionadas a imigrantes, é inegável que o país ainda possui questões profundas de homofobia e racismo, além de um nível relevante de islamofobia, especialmente levando em consideração o longo histórico do país com o cristianismo e suas vertentes. Em meio às múltiplas marginalizações propostas por este cenário, Hani vindo da sociedade e Ishu vindo de sua própria família, é ao se conectarem umas às outras que as personagens e suas identidades são postas como pertencentes e não apenas indesejadas.

Em *The Henna Wars*, a dupla marginalização se canaliza na personagem principal, Nishat. A rejeição vem igualmente de sua família, principalmente na forma do silêncio, e de seus colegas na escola, na forma de bullying e comentários racistas - a maioria destes vindo de sua ex-melhor amiga, Chyna. O desconforto de Nishat fica aparente quando ela descreve sua primeira vez indo a uma festa com Chyna quando mais nova e tentando se integrar às outras meninas irlandesas da escola.

Chyna encaixava na festa como o pedaço final de um quebra cabeça. Eu me encaixava como se alguém muito ruim em quebra cabeças tivesse tentado colar um pedaço de forma frustrada. (...)

“Ah, essa é...Nishat.” Chyna estava sorrindo o mesmo sorriso que os outros. Ela fez um movimento com as mãos, como se todos não conseguissem me ver claramente. Como se a minha pele morena não me separasse como um ponto de interrogação em um mar de pontos finais. (Jaigirdar, 51-52, 2020)

A sua marginalização social fica clara ao longo do romance. Nishat possui apenas duas amigas, Jess e Chaweon. Jess, em específico, reflete posicionamentos similares ao de Chyna e reforça a Nishat que o bullying sofrido por ela não tem teor racial ou xenofóbico, agindo como se racismo não fosse mais algo relevante socialmente. A personagem se sente como uma pária social na escola, sendo impossível se conectar às outras alunas brancas irlandesas.

Apesar de seu apego a sua família e cultura, Nishat também sente uma separação com a sua cultura e família, descrevendo a cultura Bengali como sufocante, lhe impossibilitando de ser quem é.

“Por que relacionamentos Bengali são tão complicados?” [Priti pergunta]

“Algo que eu me pergunto todo dia,” eu murmuro. As palavras saem um pouco mais amargas do que quero. Elas estão cobertas com todo o ressentimento que estou sentindo em relação a Ammu e Abbu. Afinal, não são só os relacionamentos Bengali que são complicados. É essa cultura estranha e sufocante que nos dita exatamente quem o que deveríamos ser. Que não deixa espaço para ser mais nada. (Jaigirdar, 20, 2020)

O sentimento se torna ainda mais forte quando seus pais a rejeitam após Nishat sair do armário como lésbica. Como resposta, sua prima Sani Apu é convidada pelos pais para conversar com Nishat e “ajuda-lá”. Sua ajuda, é claro, consiste em negar a existência de pessoas como Nishat, além de diminuir seus sentimentos e racionalidade.

“Você tem um problema, Nishat, você apenas não notou isso. (...) Você é jovem, está confusa.”

“Eu não estou confusa.” Se eu estivesse, eu jamais teria me feito passar por escrutínio, esse julgamento. Esse silêncio.

“Garotas como você não são...Não são...” Ela não termina, como se a palavra lésbica fosse demais para ela aguentar. Seus lábios não conseguem forma-lá.

“Elas são. Eu sou.”

“Você é muçulmana. (...) Muçulmanos não são gays.” (Jaigirdar, 91, 2020)

A marginalização ainda maior da família leva a personagem a se afastar ainda mais das poucas amigas que tem na escola, sentindo cada vez mais que não seria possível para ela ser quem é e ser aceita.

Eu nem pensei no que eu vou falar pra Chaewon e pra Jess. Se eu vou falar alguma coisa pra elas. Agora, com o sentimento próximo ao arrependimento dentro de mim, não sei se quero contar nada a elas. Eu não sei se aguento perder minha família e meus amigos ao mesmo tempo. (Jaigirdar, 46-47, 2020)

A dupla marginalização então leva a personagem a se afastar cada vez mais de uma sociedade na qual ela sente que jamais será aceita. Não para onde ir ou para onde voltar, não há espaço para Nishat e outras garotas como ela.

É só que eu não tenho certeza se eu gostaria de voltar para Bangladesh permanentemente, ou até mesmo semi-permanentemente. Além do fato de lá homossexualidade é punida com morte, eu também não tenho certeza se eu me encaixaria lá. Eu não me encaixo aqui, mas será que lá eu me encaixaria melhor? Acho que não. Eu já perdi a maior parte do meu Bengali, e às vezes quando eu converso com meus primos de lá, parece que as diferenças entre nós são akash patal - como o céu e a terra. (Jaigirdar, 162, 2020)

O excerto anterior descreve perfeitamente o quão perdida Nishat, e a tangente Hani e Ishu também, se sentem. Não há lugar existente para qual as personagens possam ir no qual elas irão sentir que pertencem. A rejeição social baseada na xenofobia sempre estará lá, e devido à homofobia de suas culturas não permite que elas voltem para casa. Não há para onde ir, ou para onde retornar, e, portanto, as personagens permanecem presas no espaço de entremeio entre suas múltiplas identidades. É apenas quando elas conseguem estabelecer contatos com umas às outras, com outras personagens que também sofrem múltiplas marginalizações com diversas camadas, que elas conseguem sentir algum tipo de alívio. É ao encontrar umas às outras em que elas conseguem pela primeira vez experienciar o sentimento de pertencimento.

Devido às informações apresentadas nos trechos analisados, é possível concluir que a dupla marginalização das personagens se alimentam uma das outras. A rejeição pela própria cultura e família leva as personagens a rejeitarem o contexto social, e vice-versa, impossibilitando o alcance de um estado de repouso na qual as personagens conseguem coexistir com as normas que lhe são impostas pelas suas circunstâncias. A queerfobia, marcada com a xenofobia e racismo da sociedade irlandesa, impede as personagens de imaginarem um local no qual possam pertencer. Suas múltiplas identidades as levam a serem marginalizadas socialmente, porém é justamente por elas que as personagens conseguem se conectar umas às outras. Há uma empatia e compreensão singular no espaço de entremeio no qual elas se encontram, entre culturas e espaços que se recusam a compreender suas multiplicidades. Nesse entremeio, então, as personagens se comunicam, reforçam suas identidades e, lentamente, estabelecem o seu pertencimento - umas com as outras, independente de onde estejam.

Referências

FORTIER, Anne Marie. "Queer Diasporas." in *Handbook of Lesbian and gay studies*. Richardson, D & Seldman, S. (eds). London: Sage, p. 183 - 196. 2002.

JAIGIRDAR, Adiba. *Hani and Ishu's Guide to Fake Dating*. Page Street Kids, 2021.

JAIGIRDAR, Adiba. *The Henna Wars*. Page Street Kids, 2020.

MARINUCCI, Mimi. *Feminism is Queer: The intimate connection between Queer and feminist theory*. Zed Books LTD, London, 2010.

MEGHANI, Shamira. "Global desires, postcolonial critique: Queer women in Nation, Migration, and Diaspora" in *Cambridge Companion of Lesbian Literature*, p. 60 - 74, 2015